

## DEPOIMENTO SOBRE OS 35 ANOS DA REVISTA ALFA

Ataliba Teixeira de CASTILHO<sup>1</sup>

De 1962 a 1975, dirigi a revista *Alfa*, então publicada pelo Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. Neste ano de 1997, a *Alfa* completa 35 anos de publicação continuada. Foi portanto com muito prazer que acedi ao convite de sua Comissão Editorial para escrever este breve depoimento sobre "a nossa Alfa".

A iniciativa de fundação da revista partiu do Prof. Massaud Moisés, então Diretor da Faculdade. Ele recomendou que o Departamento de Letras decidisse sobre a política editorial, formato da revista, periodicidade, formas de intercâmbio, e assim por diante.

Havia, na época, duas revistas universitárias com publicação corrente na área de Letras: a decana *Revista de Letras*, da Universidade Federal do Paraná, e *Letras*, que nossos vizinhos de Assis já vinham publicando. Isto quer dizer que a *Alfa* integra hoje o quadro das três revistas universitárias correntes mais antigas do país nessa área.

Publiquei 19 números da revista, entre eles duas *Miscelâneas de Estudos*, uma dedicada ao Prof. R. H. Aubreton, e outra, ao Prof. T. H. Maurer Jr. Não havia infra-estrutura de apoio. O Departamento expedia os convites aos colaboradores e, como Diretor, eu fazia a editoração, indicando ao linotipista os corpos tipográficos a adotar, e pedia abertura da licitação. Depois, vinha o penoso ofício das revisões e da distribuição da revista, em que fui ajudado pelos colegas e também pela Célia Maria, minha esposa.

---

<sup>1</sup> Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP - 05508-900 - São Paulo - SP.

Um grande programa de intercâmbio foi organizado, fazendo fluir para a Faculdade informações que de outro modo seria impossível conseguir. Recebíamos com regularidade mais de 160 revistas acadêmicas, de excelente qualidade, cuja assinatura poderia custar o que as tipografias cobravam para a impressão da *Alfa*.

Mais importante que isso, a *Alfa* refletia a cara do Departamento de Letras, constituído na época por um jovem grupo de professores, integrantes duma geração que tinha deixado os bancos universitários no momento mesmo em que o Estado de São Paulo, governado pelo Prof. Carvalho Pinto, decidira interiorizar o ensino superior. Resultaram dessa política os Institutos Isolados de Ensino Superior, instalados em várias cidades, e reunidos depois na Universidade Estadual Paulista.

As condições que o estado oferecia aos professores eram esplêndidas: tempo integral, contrato no nível de Professor Catedrático, recursos para aquisição bibliográfica e boa infra-estrutura. Mas o bem mais precioso de que dispúnhamos era o direito de decidir com liberdade sobre a política científica a adotar, sem essa espantosa multiplicação de instâncias burocráticas que dificultam hoje o dia-a-dia nas três universidades oficiais do estado.

Lecionavam no Departamento, naqueles momentos inaugurais, Enzo Del Carratore (Língua e Literatura Latina), Paulo A. A. Froehlich (Língua e Literatura Inglesa e Lingüística), Alexandrino Eusébio Severino (Literatura Norte-Americana), João Décio (Literatura Portuguesa e Brasileira) e Heribert J. Bell (Língua e Literatura Alemã). Juntaram-se ao grupo, posteriormente, Nelly N. Coelho (Teoria da Literatura), Maria Tereza Camargo Biderman (Filologia Românica), Lucrecia D'Aléssio (Literatura Brasileira) e Zelinda T. G. Moneta (Língua e Literatura Alemã). Indicado pelos Profs. Maurer Jr. e Salum ao Prof. Massaud, eu regia a cadeira de Língua Portuguesa.

"Donos do nariz", gozando de uma afortunada liberdade para planejar e executar, íamos entretendo longos papos de planejamento acadêmico, apenas interrompidos pela redação da tese de doutoramento, a que estávamos contratualmente obrigados. Foi assim delineado um plano de ação, no qual a *Alfa* viria a ter um papel central. Esse plano pode ser assim resumido:

(1) Direcionar a indagação científica para campos ainda não contemplados nas duas maiores universidades brasileiras da época, a USP e a UFRJ. No campo das pesquisas lingüísticas, ambas privilegiavam a diacronia e a língua escrita. Pois bem, nós outros, do interior, iríamos

para a sincronia e para a língua falada. Naquelas universidades, a temática era eurocentrada, com ênfase na edição de textos medievais e nas mudanças linguísticas da “România Velha” Decidimos então considerar o fenômeno linguístico brasileiro, desde as línguas indígenas (e por aqui se meteu o Paulo Froehlich), até o Português falado nas grandes cidades (aqui, o Projeto NURC).

A *Alfa* teve um papel importante na implantação desse projeto no Brasil, o qual é poucas vezes lembrado. Acontece que recebíamos, em Marília, por intercâmbio, publicações de várias partes do mundo. Numa delas, tomei conhecimento do “Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Urbana Lingüística Culta”, concebido em 1967 pelo Prof. Juan Manuel Lope Blanch, do Colegio de México. O Programa Interamericano de Linguística e de Ensino de Idiomas (PILEI) tinha aprovado sua proposta, e a combatividade do Prof. Blanch tinha atraído para o projeto as maiores lideranças da Linguística Hispano-Americana da época.

Esse projeto trazia a pesquisa dialetológica para a área urbana, sendo sua indagação central verificar até que ponto o Espanhol e o Português da América tinham sido afetados pelo rápido processo de urbanização, desencadeado no subcontinente americano.

Achei excelentes as motivações desse trabalho. Com base nele, propus sua aplicação ao Estado de São Paulo, submetendo a proposta respectiva a alguns professores brasileiros, num texto intitulado *Projeto de Descrição do Português Culto na Área Paulista*. Fui então informado pelo Prof. Nelson Rossi, da UFBA, que ele tinha sido encarregado pelo PILEI de trazer o Projeto ao Brasil. Esse organismo aprovara proposta sua, que tinha o grande mérito de reconhecer o policentrismo cultural brasileiro. Assim, em lugar de desenvolver as pesquisas só na capital, pouco representativa do Português Brasileiro, Rossi aconselhava que o Projeto se desenvolvesse em quatro capitais do séc. XVI (Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo), e uma do séc. XVIII (Porto Alegre). Desisti então de minha proposta, e passei a coordenar, juntamente com o Prof. Salum, esse Projeto em São Paulo, com o apoio da FAPESP. Com a aposentadoria do Prof. Salum, o Prof. Dino Preti o substituiu, e São Paulo continuou a ter dois coordenadores. Os primeiros documentos hispano-americanos e brasileiros relativos ao Projeto foram reunidos no livrinho *Projeto de estudo da norma linguística culta de algumas das principais capitais brasileiras*, 1970, publicado em Marília pelo Conselho Municipal de Cultura, logo resenhado na *Alfa*.

(2) Outra decisão do Departamento de Letras foi evitar o isolacionismo a que as pequenas comunidades interioranas estavam sujeitas

na década de 60 A saída era facilitar a realização de viagens de estudos ao exterior e convidar especialistas de renome Foi assim que tivemos a presença de Kurt Baldinger, Antenor Nascentes, Joaquim Mattoso Câmara Jr, Theodoro Henrique Maurer Jr, Isaac Nicolau Salum, Aryon Dall'Igna Rodrigues, Segismundo Spina, Francisco Gomes de Matos, entre outros Eles pronunciavam conferências e ministravam minicursos para nós e nossos alunos, exercendo uma considerável influência nos rumos que iam imprimindo às coisas Quanto às saídas para o Exterior, a Fundação Calouste Gulbenkian teve uma atuação excepcional, apoiando vários de nossos projetos Diversos colegas estiveram em Lisboa, estabelecendo vínculos que seriam importantes em suas carreiras Essas atividades iam sendo noticiadas em seção própria da *Alfa*.

(3) Outra característica do grupo era convocar regularmente seminários, voltados tanto para o público acadêmico quanto para os professores de primeiro e segundo graus Graças a essa política, nosso Departamento realizou três "Encontros de Mestres da Alta Paulista", para debater os problemas do ensino do Português no curso secundário Com a implantação da disciplina de Linguística nos cursos de Letras, decidimos avaliar o andamento dos estudos linguísticos no final daquela década Foi para isso organizado o "I Seminário de Linguística de Marília", em 1967 O Estruturalismo, a Linguística Histórica, a Dialectologia, a Estilística e os estudos indigenistas mereceram de nossos convidados a redação de ensaios que viriam a tornar-se clássicos Mas o Seminário teve um efeito inesperado, que foi a criação da Associação Brasileira de Linguística e do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, ambos fundados em 1969 Também se debatia na época a implantação de um novo modelo de Pós-Graduação O Departamento de Letras fez realizar, em 1968, o "Seminário de Pós-Graduação", a primeira iniciativa de uma instituição universitária paulista, interessada em avaliar o impacto da nova orientação que os estudos pós-graduados iam assumir Todos os textos debatidos nesses seminários foram publicados na *Alfa*, constituindo-se em números especiais.

Olhando para trás, é bom verificar que os esforços do Departamento de Letras, ele mesmo extinto quando da implantação da UNESP, têm hoje na *Alfa* uma espécie de continuação, já agora dinamizada pelas novas gerações que vieram enriquecer com seu trabalho e pertinência uma tarefa iniciada há 35 anos